

#cm  
2  
QUARTA-FEIRA

Nana Moraes/Divulgação

# *Autoralmente Teresa Cristina*

“Tudo Que Eu Tenho”, o primeiro álbum totalmente autoral de Teresa Cristina, escreve um novo capítulo na trajetória da consagrada intérprete e chega ao Rio nesta quarta (23) em apresentação única no Teatro Riachuelo Rio. Com produção de Pretinho da Serrinha, o trabalho reúne parcerias de Teresa com Arlindo Cruz, Moacyr Luz, Marisa Monte, Joyce, Xande de Pilares, César Mendes e Lula Queiroga. Página 3

# Gol bonito tem reprise

Pato Fu registra com convidados show alusivo aos 30 anos de seu icônico álbum ‘Gol de Quem?’



Fabiana Figueiredo/Divulgação



Fabiana Figueiredo/Divulgação



Zélia Duncan, Tom Zé e BNegão dividiram o palco com o Patu Fu no show de celebração dos 30 anos de um dos álbuns mais emblemáticos do grupo mineiro

## AFFONSO NUNES

**T**rinta anos depois, “Gol de Quem?” volta a tocar do começo ao fim. O terceiro álbum do Pato Fu, lançado em 1995, foi celebrado em agosto do ano passado, em

show da banda, na Audio Club, em São Paulo, num encontro que reuniu convidados e fãs de várias gerações. “Gol de Quem? Ao Vivo” chega às plataformas digitais em 9 de outubro e, no dia seguinte, o registro audiovisual estreia às 21h no canal Music Box Brazil e no YouTube da banda.

O disco de 1995 é o marco em que o grupo mineiro, formado em Belo Horizonte em 1992, firmou seu lugar na cena nacional, somando rock alternativo, pop, experimentação sonora e letras de personalidade rara.

No palco, Tom Zé, Zélia Duncan, BNegão e Coral juntaram-se à

banda para interpretar canções do álbum em versões novas. A plateia que disputou ingressos para lotar a casa acompanhou os encontros de perto — e seguiu cantando músicas de todas as fases da carreira, algumas há muito ausentes dos palcos.

A direção e a concepção do registro são de Batman Zavareze, com

direção musical de John Ulhoa e direção de produção de Aluizer Malab. Hoje formado por Fernanda Takai, John Ulhoa, Ricardo Koctus, Xande Tamietti e Richard Neves, o Pato Fu soma 17 álbuns, três Discos de Ouro, um Grammy Latino e prêmios como o APCA, além de prêmios MTV e Multishow.

## CRÍTICA DISCO | NA GIRA PARTES 1 E 2

AQUILES RIQUE REIS\*

### Umbandistas, espíritas, católicos...

Hoje vamos com o trabalho da cantora, compositora e sambista paulistana Grazzi Brasil, que agora lança o seu projeto completo, “Na Gira” (selo Londu Music). Um álbum e um DVD de fôlego, no qual ela reafirma sua conexão com a ancestralidade, a cultura afro-brasileira e o samba.

Com direção e produção musical de Leandro Máttos, direção artística de Cris Casagrande, em “Na Gira” sobressai a visão da Umbanda, sim. Mas parece abrir caminho para a diversidade da religiosidade dos brasileiros, com seu sincretismo e o desejo de proteção à própria essência vital.

Gravado ao vivo, do repertório brota o fogo que conflagra cérebros

e almas, ávidos de respostas aos mistérios avoengos. Mas será que a todos os credos, as músicas e os significados de Na Gira satisfazem os anseios por explicações divinas? Não sei, mas que merecem ser respeitadas, não tenho dúvida.

Com voz poderosa, em meio aos cantos e ao bater dos tambores, Grazzi Brasil exala verdades. Com os arranjos de Leandro Máttos, o núcleo percussivo (Gerson Martins Dias, Douglas Miguel (Pit), Kayan Alcantara e Ed Trombone), encontra o cavaquinho de Emerson Bernardes e o violão 7 cordas de Rodrigo Carneiro e, encorpados pelo trombone e pelo flugelhorn de Ed trombone, agem como um poderoso lenitivo para os que care-

cem de respostas e não as encontram na crueza do mundo real. Vamos ao repertório, que pode ser ouvido em <https://sl1nk.com/zj67srd>.

Parte 1: “Na Gira” foi inspirado na organização simbólica das giras de Umbanda. A primeira parte representa o chamado “povo da direita”, reunindo canções dedicadas aos Orixás, Pretos-Velhos, Marinheiros, Baianos e linhas associadas à luz, ao acolhimento, à cura e à elevação espiritual. Após

minha audição, indico algumas faixas: “Opará” (Grazzi Brasil e Mayara Costa); participação Mayara Costa; “Benção de Orixá” (Grazzi Brasil); “Vovó Maria” (Deny Alves, Marquinhos Jaca, Reinaldinho e Vagner Almeida) e “A Baiana Deu Sinal” (Domínio Público).

Parte 2: aqui o projeto trata das entidades tradicionalmente associadas ao “povo da esquerda”: Exus, Pombas-gira e Exus-Mirins, personagens das religiões afro-brasilei-

ras, usualmente incompreendidos fora dos terreiros, mas responsáveis pela abertura de caminhos, amparo e equilíbrio das energias. Novamente, segundo minha audição, aqui vão algumas dicas: “Ela É de Oyá” (Sandro Luiz); participação Sandro Luiz; “Santo Antônio Pequeno” e “Exú Mirim” (Domínio Público); “Doi Dói” / “Arreda Homem” / “Pombagira Cigana da Estrada” / “Malandrinha do Cais” e “Barraca Velha” (Domínio Público).

“Na Gira” é um projeto a ser conhecido, ouvido com atenção e propalado aos quatro cantos. Graças à sua musicalidade, pode contribuir para, ao menos, amenizar as incompreensões que marginalizam as mulheres e o povo preto da umbanda, além de buscar a solidariedade de todos os credos que praticam o sincretismo religioso no Brasil.

\*Vocalista do MPB4 e escritor



Divulgação

Na Gira Parte 1, de Grazzi Brasil



Divulgação

# ‘O que nasceu primeiro foi a compositora’

Nana Moraes/Divulgação

Teresa Cristina dá uma pausa como intérprete para resgatar antigas parcerias e faixas inéditas

AFFONSO NUNES

**R**econhecida como uma das nossas grandes intérpretes de samba, Teresa Cristina traz ao Rio o show da turnê de “Tudo Que Eu Tenho”, seu primeiro álbum integralmente autoral e inédito. A temporada começou no dia 19, no Largo da Tieta, em Salvador. Nesta quarta-feira (23), o espetáculo chega ao Teatro Riachuelo Rio. Contemplado pelo edital Natura Musical, o álbum tem realização da Rinoceronte Entretenimento e Lavoura Produções, chegou às plataformas digitais em 14 de agosto com distribuição da Altafonte e reúne dez faixas inéditas — algumas em parceria com Marisa Monte, Xande de Pilares, Moacyr Luz e Cézár Mendes.

No palco, o disco divide espaço com um acervo que a cantora guardou por anos: composições autorais espalhadas por gravações alheias e parcerias construídas ao longo da caminhada. É uma guinada na carreira de quem quase três décadas passou interpretando antes de se conceder o direito de imprimir sua voz em sua própria obra.

A voz de Teresa Cristina, aliás, se fez ouvir primeiro na obra dos mestres. Foi com “A Música de Paulinho da Viola” (2002), gravado com o Grupo Semente, que ela despontou além dos bares da Lapa; em 2016 lançou “Teresa Cristina Canta Cartola”, distribuído até nos Estados Unidos pela Nonesuch Records, e em 2018 veio “Teresa Cristina canta Noel”, dedicado a Noel Rosa e dirigido por Caetano Veloso. Seu último trabalho até então era “Jessé - As Canções de Zeca Pagodinho” (2026), dedicado a um artista que, com ela própria, é mais conhecido como intérprete.

E, para a supresa de muitos, a



Em ‘Tudo Que Eu Tenho’, Teresa Cristina reúne antigas parcerias e algumas canções inéditas de uma compositora que se faz antes mesmo de se tornar uma voz-referência do samba



Divulgação

“Estava devendo isso para mim: um álbum autoral. Daqui para frente? Sou uma pessoa muito imprevisível e só posso falar de agora”

TERESA CRISTINA

compositora é anterior à cantora. “É engraçado, porque o que nasceu primeiro foi a compositora. Antes de começar a cantar, eu fiz uma música para o Acorda Bamba, ali em 97, chamada ‘Demora Não’, e comecei a cantar depois dessa música”, conta Teresa ao Correio.

Entre as canções que só agora ganham a voz dela está “Oferendas”, feita com Arlindo Cruz e integrante do repertório da turnê. “Essa música é de 2007, 2008. O Arlindo gravou no ‘Batuques do Meu Lugar’, e só ele tinha gravado — eu nunca gravei. Tenho outra música com ele, que é ‘Morada Divina’”, recorda.

Do repertório resgatado fa-

zem parte ainda “Candeeiro”, “Acalanto” e “Pedro e Teresa”, do início da trajetória, e as parcerias “Sem Poder Dançar”, com Joyce, “Armadilha”, com Kátia B e Dé Palmeira, e “Trégua Suspensa”, com Lula Queiroga.

O encontro com Pretinho da Serrinha, produtor do álbum e arranjador do show, era uma escolha natural para Teresa. “Eu conheço o Pretinho há muito tempo. Ele tocava na minha banda, fez muitas turnês comigo, inclusive para o exterior. Ele conhece as minhas músicas, me conhece, sabe o que eu gosto, sabe os arranjos que me encantam. Quando ele entrou no estúdio, já sabia mais ou menos o que eu queria.

A gente trocou pouca ideia, e não teve nenhuma canção em que eu cheguei e falei, ‘Pretinho, não faz isso, vamos por um lado diferente’. Eu só acrescentei coisas. Eu acho que ele me conhece bastante.”

No palco, Teresa Cristina é acompanhada por Samara Líbano (violão), João Callado (cavaquinho), Paula Pardón (baixo), Jessica Nepomuceno (bateria), Paulino Dias, Jessica Zarpey e Rodrigo Jesus (percussão) e Alexandre Caldi (saxofone e flauta).

Quem estiver no Teatro Riachuelo Rio nesta quarta verá uma artista que classifica o novo trabalho como dívida quitada. “Estava devendo isso para mim: um

álbum autoral. Daqui para frente, eu sou uma pessoa muito imprevisível e só posso falar de agora. Fiz o primeiro show em Salvador e gostei demais — foi muito bom poder cantar, fazer um show só com as minhas músicas. Mas o futuro a Deus pertence”, avisa a cantora, sem deixar claro se a autoralidade vai margear futuros trabalhos.

## SERVIÇO

### TERESA CRISTINA - TUDO QUE EU TENHO

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38, Centro)  
23/9, às 20h  
Ingressos a partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**U**m cheiro de Oscar circunda a programação desta quarta-feira no 74º Festival de San Sebastián a começar de suas sessões matinais, na seleção competitiva oficial, onde Jesse Eisenberg, o Mark Zuckerberg de “A Rede Social” (2010), vem afirmar suas destrezas como realizador ao clamar pelos troféus da maratona espanhola com “A Grande Estreia” (“The Debut”).

Já se fala em estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood para o modo como sua protagonista, Julianne Moore, interpreta Mona, uma mulher tímida que resolver se candidatar ao elenco de um musical, mesmo sem experiência. Paul Giamatti interpreta Jerry, o encenador que vai testar o limite dessa candidata ao posto de ave canora, num exercício de crueldade e vaidade.

Eisenberg provou ser um cineasta de peso com “A Verdadeira Dor” (2024) em sua maneira de extrair desempenhos marcantes de astros como Kieran Culkin. Aposta-se alto em indicações para seu roteiro na festa hollywoodiana de 2027. Antes, ele encara o crivo de Donostia (nome de San Sebastián no dialeto local Euskara).

Também nesta quarta, o festival recebe o ganhador do Grande Prêmio do Júri de Veneza, que representará a Coreia do Sul nos Oscars: “Amor Possível” (“Possible Love”). Programado para estreiar na Netflix no dia 6 de novembro, o exercício narrativo mais recente do artesão autoral sul-coreano Lee Chang-dong acompanha as relações entre dois casais que seguem caminhos sociais distintos e pre-



‘A Grande Estreia’ (The Debut) pode dar mais um Oscar para a atriz Julianne Moore

# Fragrâncias do Oscar no País Basco

Longas com chance de disputar o Oscar 2027, como ‘A Grande Estreia’ e ‘A Bola Preta’, mobilizam San Sebastián



Cartazes de ‘A Bola Preta’ mobilizam a paisagem de Donostia

cisam lidar com desejos até então ocultos. Mi-ok (Jeon Do-yeon) leva uma vida modesta ao lado do

marido desempregado, Ho-seok (Sul Kyung-gu), e do filho pequeno, Cheol. Um funeral, porém, co-

loca a família no caminho de Ye-ji (Cho Yeo-jeong), documentarista dedicada a registrar a realidade de

trabalhadores demitidos, e de seu marido, Sang-woo (Zo In-sung), cuja vida abastada contrasta radicalmente com a deles. Quando Mi-ok aceita participar das filmagens do documentário, aproxima-se de Ye-ji e começa também a sentir uma desconfortável atração pelo indecifrável Sang-woo. Os mundos dos dois casais começam a se misturar, expondo fissuras afetivas.

Ganhadores do Oscar por “Sem Chão” (2024), Rachel Szor e Yuval Abraham uniram forças novamente para escancarar as dores da Palestina em “Naza”, que assegurou à dupla o Prêmio Especial do Júri de Veneza, uma espécie de medalha de bronze. Nesta quarta, Donostia vai checar o que fizeram. Filmado à noite, dos telhados de Tel Aviv, este documentário investigativo examina as vítimas civis das operações militares de Israel em Gaza e os sistemas por trás dos assassinatos seletivos de palestinos.

Fora de concurso, San Sebastián badala, como pode, “A Bola Preta” (“La Bola Negra”), prata da casa na corrida pelas láureas de Hollywood. Este épico queer sobre três homens, em fases distintas da História espanhola, venceu o People’s Choice Award de Toronto no domingo. No dia 1º de outubro, esse épico com Penélope Cruz e Glenn Close vai abrir o Festival do Rio, no Odeon, consagrando a estética de Los Javis, os diretores Javier Ambrossi e Javier Calvo.

Nesta quinta-feira, o júri de San Sebastián, presidido pelo diretor estadunidense Ira Sachs (de “O Amor É Estranho”), assistirá ao drama mineiro “Vicentina Pede Desculpas”, novo longa de Gabriel Martins, de “Marte Um” (2022). Estrelado por Rejane Faria, o novo trabalho da Filmes de Plástico acompanha uma professora aposentada de 75 anos que procura as famílias das vítimas de um acidente de ônibus provocado pelo filho, morto na tragédia, depois que surgem suspeitas de que ele teria derubado intencionalmente o veículo de um viaduto.

Até o momento, o suspense alemão “KruX”, da diretora Tony Vahl, e o thriller argentino “Glaxo” (produzido pelo brasileiro Rodrigo Teixeira) são os concorrentes mais badalados do evento.

## Latidos em prol de Brad Pitt

Desde a conquista de seu Oscar de Melhor Ator Coadjuvante, por “Era Uma Vez Em Hollywood” (2019), Brad Pitt vem abrindo espaço em sua agenda para filmes de toada comercial explícita, o que se viu no ano passado em “F1”, mas sem abrir mão de grifes autorais na direção des-

ses potenciais blockbusters.

E o Festival de San Sebastián foi o evento que o ator e produtor de 62 anos escolheu para promover seu reencontro com o artesão das narrativas de ação David Ayer (com quem fez o cult “Corações de Ferro”, em 2014), em “Heart Of The Beast”. Nesta quarta, o



Brad Pitt e o astro canino que vive Odin em ‘Coração Selvagem’

galá passa pela cidade basca para promover o que pode ser um dos blockbusters mais rentáveis (e afetuosos) da atual temporada.

Traduzido no Brasil, onde estreia nesta quinta, como “Coração Selvagem”, o longa promete vender fortunas ao acompanhar a relação de um ex-militar e seu cachorro, Odin, num périplo pelas matas do Alasca. O animal carrega traumas de sua vivência de combate. Seu amigo humano, também. Paralelamente, Pitt inicia a continuação de “Guerra Mundial Z 2”. (R. F.)

ENTREVISTA | **DIEGO LUNA**

ATOR E DIRETOR



Existe um Diego Luna associado a espetáculos de Hollywood e outro que faz um filme pessoalíssimo como “Cinzas na Boca”. Como concilia esses dois caminhos?

**DIEGO LUNA** - É o mesmo caminho. Acho que o desconforto traz a melhor versão da criatividade. Passei a vida procurando mudar de posição, tentando não me acomodar em lugar algum. Não procuro o conforto, mas justamente o desafio, o acidente, aquilo que pode nascer da busca. Comecei no teatro, depois fiz cinema, televisão, deixei de fazer TV durante muito tempo... voltei com “Andor”. Gosto de produzir, mas também de dirigir. Gosto de testemunhar o processo dos outros para questionar o meu. O que me interessa é seguir mudando de lugar.

O tamanho de uma produção interfere na liberdade que você procura?

Não necessariamente. Existe esse discurso de “Hollywood contra o resto do mundo”, porque gostamos de criar categorias para facilitar a compreensão. Mas existe muita coisa nesse papo. Quando fui ao Festival de Sundance pela primeira vez, percebi que havia uma comunidade enorme nos Estados Unidos fazendo cinema com os mesmos desafios que enfrentávamos no México. Hoje gosto de usar a palavra “independente” para falar de um cinema que persegue um ponto de vista. Pode ser grande ou pequeno. “Andor” era tão independente quanto “Cinzas na Boca”. Era um projeto do roteirista Tony Gilroy, escrito e produzido por ele, com um ponto de vista por trás das decisões. O que dá integridade a um projeto não é o orçamento nem o país onde ele é feito. É a fidelidade a um ponto de vista.

“Cinzas Na Boca” fala muito sobre empatia. O que há de mais pessoal nesse projeto?

Depois da morte da minha mãe, meu pai teve de pensar constantemente na ajuda de que precisava para seguir adiante exercendo, de alguma forma, o papel de pai e a maternidade que me faltava. Muitas pessoas que amavam minha mãe apareceram na minha

# ‘O desconforto traz a melhor versão da criatividade’



Jokin Fernández/SSIFF

**RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Nos 25 anos que se passaram desde a consagração de “E Sua Mãe Também”, de Alfonso Cuarón, onde se destacou ao lado do amigo Gael García Bernal, o capricorniano Diego Luna fez jus ao signo sob o qual nasceu, há 46 anos, em 29 de dezembro de 1979, e trabalhou pacas, em especial nas brechas (e nas vitrinas) que Hollywood lhe abriu. Foi dirigido por Steven Spielberg em “Terminal” (2004). Encerrou o Festival de Cannes de 2016, enfrentando Mel Gibson em “Herança de Sangue” (2016). Encarou Darth Vader no melhor filme da franquia “Star Wars” desde “O Império Contra-Ataca” (1980), o thriller estelar “Rogue One” (2016), que lhe acabou por se esticar na série “Andor”, um sucesso da Disney+. Esteve ainda na versão musical de “Beijo da Mulher Aranha” para as telas.

Fora isso tudo, o astro mexicano ainda criou uma carreira paralela como realizador, que o traz agora aos Horizontes Latinos, seção competitiva do Festival de San Sebastián, com “Cinzas na Boca” (“Ceniza em La Boca”), já assegurado pela Première Latina do festival do Rio 2026, que abre telas no próximo dia 1º.

No filme, o astro escancara as feridas da imigração ao falar de Lucila (Anna Díaz), que deixa seu país com o irmão, Diego, para reencontrar em Madri a mãe que, há oito anos trabalha ilegalmente na Espanha para sustentá-los. A promessa de uma vida melhor rapidamente dá lugar a uma experiência marcada pela precariedade, pela distância e pelas cicatrizes abertas pela migração. Adaptado do universo literário de Brenda Navarro, a produção tem roteiro de Abia Castillo, Diego Rabasa e do próprio Luna. Em conversa com o Correio da Manhã em Donostia, Luna falou sobretudo das fissuras familiares que encontrou nessa narrativa.

“Interessa-me cada vez mais o cinema em que não encontramos a fronteira entre documentário e ficção, aquele que se aproxima de uma realidade existente. Gosto de filmes que nos ajudam a compreender o mundo que experimentamos quando saímos da sala”

vida dizendo: “Nós a amávamos e, por isso, estamos aqui para você”. Além disso, em nossa casa sempre viveu outra família. Meu pai decidiu compartilhar a casa com eles e aquela família tornou-se o nosso apoio, a outra perna que faltava à mesa. Cresci fazendo parte de duas famílias. Acho muito bonita a reflexão que o filme faz sobre a desumanização com que tratamos aqueles que nos ajudam e cuidam de nós. A personagem procura o abraço materno, procura esse cuidado porque cresceu sem essa imagem, sem esse abraço. E, paradoxalmente, passa a vida oferecendo aos outros justamente aquilo que não recebeu.

Há em “Ceniza en la boca” uma aproximação entre ficção e realidade, quase documental. É esse o cinema que mais lhe interessa hoje?

Interessa-me cada vez mais o cinema em que não encontramos a fronteira entre documentário e ficção, aquele que se aproxima de uma realidade existente. Gosto de filmes que nos ajudam a compreender o mundo que experimentamos quando saímos da sala. Isso não quer dizer que eu não goste de fazer outras coisas. Neste momento mesmo estou fazendo um filme da Disney. Mas gosto desse cinema que nos ensina a observar, que nos convida a olhar com curiosidade profunda para o mundo em que vivemos e para histórias que estamos ignorando. Gostaria que, depois deste filme, quando você visse uma mulher cuidando de um bebê num parque, pensasse na história de “Cinzas Na Boca”.

É possível encontrar na criação desse filme o Diego Luna de “E Sua Mãe Também”, de 2001?

Sem dúvida. Naquele filme experimentei pela primeira vez essa sensação de que o pessoal e o profissional podiam misturar-se. Fizemos uma história sobre amizade e eu a fiz com alguém que considero meu irmão, não apenas meu amigo, o Gael. É a relação de amizade mais longa que tenho. Éramos dois amigos interpretando outros dois amigos e conhecíamos muito bem aquelas personagens porque tínhamos os mesmos referenciais. Desde então começou essa necessidade de encontrar algo próximo de mim naquilo que faço. Se não encontro isso, não sinto completamente que estou num lugar onde possa ser útil — e onde o processo também possa ser útil para mim. Fui muito afortunado por me sentir acompanhado e protegido pela amizade e pelo carinho que me unem ao Gael.



AGIP/Bridgeman Pictures

José Giovanni



Divulgação

'Os Sicilianos'  
é um dos  
maiores cults  
de Giovanni

Festival espanhol celebra a escrita  
fina de José Giovanni, artesão do  
cinema policial francês

# O senhor do 'polar'



Divulgação

'Dois Homens Contra Uma Cidade',  
um marco da dupla Gabin + Delon



Divulgação

'Sinfonia Para Um Massacre'  
gaba-se de um roteiro vertiginoso

## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**E**mpregada em referência ao cinema, à literatura e a quadrinhos com CEP na França, a palavra polar não se remete ao frio, e sim, a investigações policiais e ao combate à rapinagem e a todas as formas de usar a brutalidade em prol da Maldade. Esse filão teve um mestre, José Giovanni (1923-2004). O Festival de San Sebastián dedicar hoje, em sua 74ª edição, espaço nobre a uma ampla retrospectiva da obra desse craque do roteiro e da direção, reunindo 20 longas-metragens de sua lavra produzidos entre 1960 e 2001.

O ciclo recupera praticamente toda a obra do cineasta como realizador, além de vários filmes cujos roteiros assinou para mestres como

Jacques Becker, Jean-Pierre Melville, Claude Sautet, Jacques Deray, Henri Verneuil e Robert Enrico. A mostra transforma a cidade basca numa espécie de cartografia do cinema criminal francês, percorrendo quatro décadas de histórias sobre homens perseguidos pela lei, códigos de honra, amizades postas à prova e personagens que tentam encontrar alguma dignidade em ambientes onde a moral institucional já perdeu sua autoridade.

Nascido em Paris, nos anos 1920, como Joseph Antoine Roger Damiani, Giovanni teve uma vida marcada por episódios dramáticos que moldaram sua obra. Condenado à morte por homicídio, viu a pena ser comutada para trabalhos forçados e transformou a experiência prisional em matéria-prima de romances e roteiros. A publicação de "Le Trou", em 1958, abriu-lhe as portas da literatura policial e, logo

depois, do cinema, convertendo sua experiência pessoal com a prisão, o crime e a Justiça numa das matrizes mais singulares do polar — denominação francesa para as narrativas policiais — no pós-guerra.

A retrospectiva percorre cronologicamente essa trajetória, começando por "Como Fera Encurralada" ("Classe Tous Risques") e "A Um Passo da Liberdade" ("Le Trou"), ambos de 1960, seguidos por "Un Nommé La Rocca" (1961), "Sinfonia Para Um Massacre" ("Symphonie Pour Un Massacre", 1963), "Avec La Peau Des Autres" e "Os Profissionais do Crime" ("Le Deuxième Souffle"), estes dois últimos de 1966. São trabalhos que ajudaram a consolidar Giovanni como um dos grandes roteiristas do cinema criminal francês, capaz de alimentar o imaginário de realizadores de personalidades tão distintas quanto Becker, Melville e Sautet. Os

títulos brasileiros de "Como Fera Encurralada", "A Um Passo da Liberdade", "Sinfonia Para Um Massacre" e "Os Profissionais do Crime" constam em bases de lançamento e catalogação brasileiras.

"Em seu cinema, o Mal surge das circunstâncias sociais e políticas, dos efeitos de uma guerra mundial e das diferenças de classe", explica ao Correio da Manhã o crítico e historiador espanhol Quim Casas, curador da retrospectiva. "Para ele, eram muito importantes os conceitos de lealdade, amizade e traição, algo que, por exemplo, o aproxima de Sam Peckinpah no western e no thriller. O mundo do crime, a passagem pela prisão, a guerra, o colaboracionismo durante o conflito, a sobrevivência no pós-guerra... Tudo isso constitui e modela seus personagens — e a ele próprio —, e Giovanni nunca pretende emitir julgamentos morais."

É justamente nessa recusa a sentenciar seus personagens que reside uma das modernidades de sua dramaturgia. O criminoso, para Giovanni, não é apenas uma engrenagem necessária ao funcionamento de uma história policial. É alguém produzido pelas circunstâncias, pelos afetos, pela História e por decisões tomadas diante da necessidade de sobreviver. Casas destaca "Mon Ami Le Traître" (1988) como síntese dessa estratégia.

"É um bom exemplo nesse sentido: o retrato de um colaboracionista que pode dialogar com 'Lacombe Lucien', de Louis Malle. Giovanni expõe o fato — colaborar com os nazistas para salvar a própria pele — sem questioná-lo nem defendê-lo", diz o curador.

O programa passa ainda por "Ho! A Face de um Criminoso" ("Ho!"), "Le Rapace" e "Os Sicilianos" ("Le Clan Des Siciliens"), marcos do fim dos anos 1960, antes de alcançar a etapa em que Giovanni assumiu plenamente a direção. É daí que saem "Dernier Domicile Connu", "Un Aller Simple", "Où Est Passé Tom?", "Scoumoune, O Tirano" ("La Scoumoune"), "Dois Homens Contra Uma Cidade" ("Deux Hommes Dans La Ville") e "Le Gitan", produções que ajudaram a redefinir o imaginário do polar europeu e nas quais os limites entre legalidade e justiça passam a ocupar posição central.

Essa tensão alcança especial contundência em "Dois Homens Contra Uma Cidade", estrelado por duas potências do cinema francês, Jean Gabin e Alain Delon. O passado do realizador deixa então de funcionar apenas como combustível subterrâneo da ficção e emerge diretamente na discussão sobre a pena capital. A França só aboliria a guilhotina em 1981.

"É um aspecto importante: a lei social contra a ética dos delinquentes. Mas, como quase tudo no cinema de Giovanni, isso surge de sua própria experiência", afirma Casas. "Ele foi condenado à morte. Não apenas por ter passado por essa experiência, mas certamente influenciado por ela, realizou esse filme com Gabin e Delon, que é, essencialmente, um manifesto contra a pena de morte. Existe uma moral no cinema de Giovanni, mas ela não obedece às regras morais impostas pela sociedade. É dessas dualidades e contradições que nasce o interesse de muitos de seus filmes e romances."

San Sebastián segue até sábado (26), quando o presidente do júri, o cineasta Ira Sachs, diretor de "Frankie" (2019), anunciará as premiações oficiais e o ganhador da Concha de Ouro. Sachs comanda um júri que inclui a brasileira Alice Braga. O Brasil terá ainda uma de suas sessões mais aguardadas no fim da semana com "Vicentina Pedes Desculpas", novo longa de Gabriel Martins, de "Marte Um" (2022), que chega ao País Basco após sua estreia mundial no Festival de Toronto.

# Sempre um gigante em cena

Doc. 'A Última Gravação', que estreia nesta quinta no Canal Brasil, mostra os quatro últimos anos de Sérgio Britto, o brihante ator que se recusou a parar de trabalhar mesmo quando a memória começou a lhe faltar



Sérgio Britto numa das cenas do documentário 'A Última Gravação', que registra os quatro últimos anos da intimidade do ator e diretor Sérgio Britto, um gigante das artes cênicas brasileiras

A cena é pequena, mas como diz. Descalço na biblioteca de casa, Sérgio Britto dança sozinho ao som da voz rascante de Billie Holiday em "My Solitude". "Eu faço o que eu quero. Ainda faço o que eu quero", diz ele em off. Tinha 87 anos. O momento está em "A Última Gravação", documentário de Isabel Cavalcanti e Célia Freitas que estreia nesta quinta-feira (24), às 20h, no Canal Brasil, e que também vai para o DOC Canal Brasil, no Prime Video. São os quatro últimos anos de vida de um homem que se confunde com a história do teatro brasileiro — e que se entregou à câmera sem pudor nenhum, falando livremente de sexualidade, de corpo, dos limites que a idade lhe impunha.

Não fosse o teatro, seria médico. Britto cursou até o sexto ano de medicina na Faculdade da Praia Vermelha, mas abandonou tudo em 1945, depois de fazer Benvoglio em "Romeu e Julieta" no teatro universitário. Nunca mais voltou atrás. Foi do elenco profissional inaugural do Teatro de Arena, em 1953, atuou no Teatro Brasileiro de Comédia e fundou, em 1959, o Teatro dos Sete, ao lado de Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi.

*"A única fidelidade que conheço é ao teatro. Eu não sou fiel a ninguém"*

SÉRGIO BRITTO

*"A gente tem muito a ideia de que precisa buscar companhia, que os amigos são importantes. E são, mas companhia é uma coisa que você precisa buscar dentro de você. Estar sozinho também é muito bom"*

SÉRGIO BRITTO

*"Ele não tinha pudores, se entregava para a câmera o tempo todo. A disponibilidade era impressionante. Ele não retrucava"*

ISABEL CAVALCANTI

Na TV Tupi, criou e dirigiu o Grande Teatro Tupi, programa formador de plateia, que rodou mais de uma década entre a Tupi, a TV Rio e a Globo — e contava em cena com Fernanda, Ítalo e Nathália Timberg. Na Globo, dirigiu "Ilusões Perdidas", a primeira telenovela da emissora. Fundou ainda o Teatro dos Quatro, em 1978, encenou mais de 90 espetáculos e, nos anos 2000, seguiu em atividade: fez o solo "Sérgio 80", com direção de Domingos Oliveira, viveu o viciado em pôquer de "Memorial de Ma-

ria Moura", estrelou "Recordar é Viver" ao lado de Suely Franco e lançou a autobiografia "O Teatro e Eu". Na TV Brasil, apresentava o "Arte com Sérgio Britto".

O filme traz como recorte seu último grande desafio. Em 2008, convidada para uma conversa sobre Beckett no programa dele, a jovem diretora Isabel Cavalcanti — estudiosa da obra do irlandês — saiu de lá com a incumbência de montar "A Última Gravação de Krapp" e "Ato sem Palavras I" com o veterano de 87 anos. Com tradução de Angela Leite Lopes, o programa

ficou mais de um ano em cartaz no Oi Futuro e rendeu a Britto um até então inédito Prêmio Shell de melhor ator, em 2009 - a grande láurea teatral que lhe faltava. "O Sérgio ganhou todos os prêmios de melhor ator do ano, inclusive o Shell", lembra Isabel.

As imagens desses ensaios eram boas demais para ficar num arquivo. "Quando vi as imagens do Sérgio, fiquei apaixonada. Falei com a Bel: 'Isso não pode ser making of, tem de ser um documentário'", conta Célia Freitas, montadora e roteirista que assu-

miu a co-direção. As filmagens começaram sem compromisso, em 2008 — e só andaram porque uma nota de jornal chegou ao ouvidos de Rodolfo da Silva, amigo de Britto desde os tempos do Teatro dos Quatro, que decidiu apoiar o projeto.

O que se vê é um velho em plena posse de si. Britto faz aula de dança, toma banho diante da câmera, comenta as limitações do corpo. Quando uma hemorragia afetou sua memória, pediu para continuar trabalhando. "Ele não tinha pudores, se entregava para a câmera o tempo todo", lembra Isabel. "A disponibilidade era impressionante. Ele não retrucava."

Rodado a partir de 2008, o longa só chegou às telas em 2019, na mostra Itinerários Únicos do Festival do Rio, no Estação Net Gávea — numa terça-feira de dezembro que marcava oito anos exatos da morte do ator, aos 88. "O fato de ser lançado só agora, exatamente no dia em que ele morreu, é muito simbólico. Afinal, um documentário serve para proteger e preservar a memória", observou Isabel na ocasião. Onze anos separaram a primeira cena da estreia; Sérgio Britto, nesse meio-tempo, não deixou de trabalhar um único dia. Agora o filme chega à televisão, para o que grande público jamais esqueça de qão gigante este artista foi.



Fotos/Leo Gandelman



# Acordes imagéticos

Leo Gandelman, que completa 70 anos, revela em exposição no Centro as imagens em P&N de sua época de fotógrafo profissional nos anos 1970

*Contratado pela Editora Bloch, Gandelman viajou pelo Brasil e pela América do Sul, sempre em busca do que chama de “momento único” em seus cliques em preto e branco*

montam à década de 1970, período do ápice de sua dedicação à fotografia. Contratado pela Editora Bloch, viajou pelo Brasil e pela América do Sul, sempre em busca do que chama de “momento único”. Todo o trabalho está em preto e branco, e as imagens mostram um artista atento aos detalhes, às paisagens e aos instantes que passam despercebidos ao olhar cotidiano: passageiros a bordo de um vapor no rio São Francisco; a “Sala dos Milagres”, na Igreja de Bom Jesus da Lapa; uma banda de música em parada do “Trem da Morte”, que ligava Cuiabá a Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia; e uma Maria Fumaça no percurso de Tiradentes a São João del-Rei — a mesma eternizada em “Ponta de Areia”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

“Preencher espaços em branco com imagens, histórias e sentimentos foi fundamental para que eu compreendesse o processo de criação. A fotografia me ensinou a construir narrativas, e isso acabou se tornando uma das bases do meu trabalho como músico”, afirma Gandelman.

As fotografias formam uma narrativa visual que dialoga diretamente com a musicalidade. É o músico pelo olho de quem fez dele fotógrafo — e o fotógrafo pelo ouvido de quem o fez músico.

## SERVIÇO

**LEO GANDELMAN 50 x 70 – O OLHAR ALÉM DA MÚSICA**

Firjan Sesi Centro (Rua Graça Aranha, 1, Centro)

Até 30/11, segunda a sexta (10h às 18h, exceto feriados) e sábados e domingos (15h às 17h) | Grátis



## AFFONSO NUNES

**E**m 1976, um carioca de 20 anos ficou em segundo lugar no Nikon International Photo Contest, uma das premiações mais relevantes da fotografia mundial. O nome dele é conhecido — mas não pelo que as lentes revelam. Cinco décadas depois, Leo Gandelman consolidou-se como um dos saxofonistas mais importantes da nossa música e a fotografia ficou guardada nos arquivos pessoais. Até agora.

Está em cartaz na Firjan Sesi Centro a exposição gratuita “50 x 70 – O olhar além da música”, que reúne as imagens que Gandelman capturou durante os anos em que

atuou como fotógrafo profissional e que comemora seus 70 anos, completados em agosto, e suas cinco décadas dedicadas à música.

Filho da pianista e professora Saloméa Gandelman, fundadora da Escola de Música Pró-Arte, e de um pai maestro, Gandelman cresceu entre partituras. Mas, muito antes de se tornar referência como instrumentista, compositor, arranjador e produtor, encontrou na imagem uma forma de observar e interpretar o mundo. A experimentação, lembra ele, foi decisiva para a sensibilidade que mais tarde marcaria sua obra musical.

Em 2021, auxiliei Gandelman num projeto para o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e, nas conversas que se seguiram, ele reve-

“A fotografia me ensinou a construir narrativas, e isso acabou se tornando uma das bases do meu trabalho como músico”

LEO GANDELMAN

lou à equipe envolvida a paixão que as câmeras despertavam nele muito antes do reconhecimento no curso — um tempo em que fotografar



e tocar ocupavam lugares iguais em sua rotina.

Em cartaz até 30 de novembro, a exposição reúne registros que re-